

**AO LONGE,  
A LIBERDADE**

**ENSAIO SOBRE  
TCHÉKHOV**

**JACQUES  
RANCIÈRE**

TRADUÇÃO  
PEDRO ELÓI DUARTE

**ORFEU  
NEGRO**

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO DA MEDIDA DE INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES.



REPÚBLICA  
PORTUGUESA



Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU

**TÍTULO ORIGINAL**

Au loin la liberté: Essai sur Tchekhov

**AUTOR**

Jacques Rancière

**TRADUÇÃO**

Pedro Éloi Duarte

**REVISÃO**

Nuno Quintas | [oficinacaixaalta.pt](mailto:oficinacaixaalta.pt)

**CONCEPÇÃO GRÁFICA**

Rui Silva

**PAGINAÇÃO**

Rita Lynce

**IMPRESSÃO**

Europress – Indústria Gráfica

**COPYRIGHT**

© 2024 La Fabrique Éditions

© 2026 Orfeu Negro

**1ª EDIÇÃO**

Lisboa, Junho 2026

DL 565315/26

ISBN 978-989-9225-61-9

**ORFEUNEGRO**

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

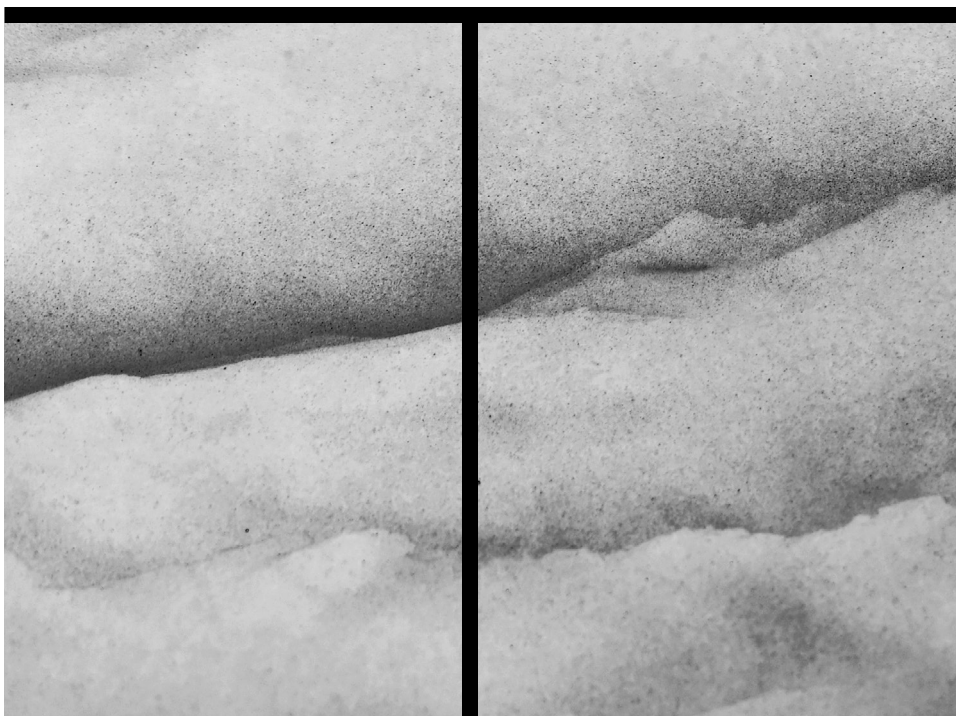
[www.orfeunegro.org](http://www.orfeunegro.org)

# ÍNDICE

O SONHO DO VAGABUNDO	7
O RONRONAR DA SERVIDÃO	17
A CANTIGA DO TELÉGRAFO	29
UMA NOVA AURORA?	45
A FORÇA DO MOMENTO	67
A MÚSICA DA NARRATIVA	81
DO CANTO DA ESTEPE AO CANTO DO ABETOURO	95
OS OLHOS DO SOLDADO	111
SEM INÍCIO NEM FIM	129
Notas	141



# O SONHO DO VAGABUNDO



Trata-se de um conto de 1886 intitulado «Sonhos», um daqueles que, nesse ano, levam o jovem Anton Tchékhev, com a ajuda de alguns leitores privilegiados, a compreender que não é um simples contista para pequenos jornais, mas um verdadeiro escritor.

No entanto, à primeira vista, é o tipo de conto mais simples que se possa imaginar. Três homens caminham por uma estrada. Não sabemos de onde partiram. E o conto terminará sem que tenham chegado ao seu destino. O único acontecimento factual terá sido uma pausa. A própria marcha deles parece refutar qualquer mudança de lugar. A estrada enlameada onde os seus pés se afundam é exactamente igual diante deles ao que é atrás. E, à sua volta, o nevoeiro esbranquiçado forma uma muralha que tapa toda a perspectiva e reforça a sensação de um avanço imóvel num espaço indefinidamente idêntico a si mesmo.

## AO LONGE, A LIBERDADE

É claro que há uma razão para a sua marcha, que nos é dada logo na primeira frase, parecendo resumir toda a história. Trata-se de uma simples rotina da vida rural: dois guardas conduzem um vagabundo à cidade. Estes dois guardas são caracterizados rapidamente à maneira do contador de histórias humorístico: um é atarracado e de pernas curtas, o outro alto e seco como um poste. Mas a inquietação insinua-se, e a superfície lisa deste conto insignificante começa a aprofundar-se com a personalidade do terceiro homem: esse vagabundo que já não se lembra do seu nome e se parece com tudo menos com um vagabundo.

Resolver este duplo enigma, saber porque já não sabe ele o seu nome e porque se assemelha tão pouco à sua personagem, será a matéria de uma nova narrativa que rompe a uniformidade desta marcha no mesmo lugar. O inquérito é conduzido pelo de pernas curtas, que responde pelo nome de Ptakha. Lentamente e de forma sonhadora, como se falasse consigo próprio, o vagabundo sem nome vai responder-lhe e dar a chave do duplo enigma: desde logo, o da sua aparência. De facto, nasceu camponês, filho de uma serva, mas esta era criada numa casa senhorial e educou-o

## O SONHO DO VAGABUNDO

no amor pela religião, pelas boas maneiras e pela bela linguagem. E, se não tem ar de camponês, é porque o pai era provavelmente um senhor, cujas investidas a devota mãe não conseguiu repelir. As coisas correram mal quando o pai escolheu uma nova companheira, o que talvez explique o erro da devota mãe, que deitou por engano arsénico no copo do medicamento que o filho levava todas as noites ao senhor. Este «erro» enviou mãe e filho para o degredo, de onde este acabou por fugir. Eis a razão pela qual «esqueceu» o seu nome. Este condená-lo-ia a regressar ao degredo, entre companheiros grosseiros, insuportáveis para os seus sentidos delicados, ao passo que, como vagabundo, será simplesmente deportado para a Sibéria.

Ao longo da conversa, o vagabundo sem nome tornou-se uma personagem típica da ficção moderna: um bastardo, que participa ao mesmo tempo do nobre e do plebeu — mas também um condensado da história do seu país, o «imundo» país de escravos e senhores estigmatizado por um célebre poema de Lérmontov<sup>1</sup>; esse país de distâncias sociais gigantescas e de promiscuidades enganadoras cujo soberano, vinte anos antes, abolira realmente a servidão, sem, contudo, fazer da liberdade uma realidade.

## AO LONGE, A LIBERDADE

Dar corpo a essa liberdade é a tarefa a que o conto se vai dedicar, introduzindo uma nova ficção dentro da ficção. Esta é obra do vagabundo e consiste em transformar o lugar do seu destino. Nos seus discursos líricos, a Sibéria dos deportados torna-se, com efeito, o país da liberdade. A terra, diz ele, é ali imensa, e cada um pode ter tanta quanto quiser para semear, lavar e construir; os rios são largos e rápidos, protegidos por margens escarpadas e pinheiros seculares; e inumeráveis peixes ali nadam para deleite dos pescadores à linha, à rede, à nassa ou com rede de levantar.

Com esta evocação das terras virgens da liberdade, o simples relato da viagem para a sede do distrito interrompe-se, e é abolida a distribuição dos papéis entre os guardas e o vagabundo. É que o sonho também é uma realidade. É o acordo entre uma situação, a acção de um corpo e a paisagem mental que faz nascer nos espíritos. Enquanto o vagabundo fala, o seu país livre existe. Os próprios guardas, esses homens cujo ofício é obedecer a ordens e enclausurar pessoas, passam agora a partilhar o seu sonho; pintam para si mesmos quadros de uma vida que nunca conheceram, mas cuja imagem lhes foi talvez transmitida por antepassados distantes ou por narrativas imemoriais: a do homem

## O SONHO DO VAGABUNDO

livre que circula sem entraves numa terra livre de estepes sem limites, de largos rios e de altos pinheiros.

Neste ponto em que a ficção do vagabundo se perde no sonho do país livre, é o próprio sentido do trajecto e a distribuição dos papéis que se apagam. A realidade do seu sonho entra em concorrência com aquela que os gendarmes servem. É então preciso que um dos dois o faça calar e feche os parêntesis da ficção, restabelecendo a história muito simples do percurso que conduz um delinquente ao lugar do seu julgamento. Este papel cabe, naturalmente, ao alto e magro. Em poucas palavras, traz o sonhador da liberdade de volta à realidade do caminho que têm de concluir e à constatação do seu estado: o de um homem doente, já ofegante por causa desse curto trajecto, e que cairá morto de exaustão muito antes de chegar à Sibéria dos seus sonhos. Com esta simples chamada à ordem, as imagens do país livre desvanecem-se das três cabeças. Mas não a sua ideia. E, enquanto se instalam no espírito do vagabundo as imagens nítidas do processo judicial que o espera, o pensamento dos guardas continua a divagar: «Os guardas fazem um esforço mental para abranger com a imaginação aquilo

## AO LONGE, A LIBERDADE

que talvez só Deus seja capaz de imaginar, isto é, o espaço terrível que os separa das terras livres<sup>2</sup>.»

Não atribuíamos a Deus mais importância do que a que tem na prosa do descrente Tchékhev. «Deus sabe», «Deus sabe o quê», «Deus sabe quem»: estas expressões surgem frequentemente na sua obra não para invocar o privilégio da onisciência divina, mas para assinalar os limites daquilo que as personagens da história são capazes de identificar e compreender. O discurso do vagabundo traçou o percurso rectilíneo que, entre dois muros de neblina, conduzia directamente a um lugar de confinamento. Desdobrou o espaço e o tempo do percurso para pôr, na sua origem fabulosa e no seu destino sonhado, um ponto de referência que pertence a outra ordem de grandeza: a liberdade. Esta situa-se a uma distância que não se pode medir, mas que não se pode, ainda assim, deixar de tentar medir. Mesmo que o vagabundo tenha sido despojado das imagens do seu sonho, este assombra agora a própria ordem que o condena. «Ora bem, temos de ir», diz o guarda. «Chega de descanso<sup>3</sup>!» Mas a pausa não acabou. Permanecerá inscrita no tempo uniforme do percurso como um contratempo irreparável.

## O SONHO DO VAGABUNDO

Talvez por isso o conto que parecia apanhar as personagens em movimento as deixe agora a meio do caminho. A história tem um fim porque pára. E não o tem porque as personagens não chegam ao termo do seu percurso e ignoramos o que acontecerá ao vagabundo. Trata-se aqui, como veremos, de um traço constante nos contos de Tchékhov. Marca aqui o curto trajecto que vai de uma detenção a um lugar de reclusão. Mas assinalará igualmente a história de um amor em «Ariadna» ou em «A Senhora do Cãozinho», e a de uma vida inteira em «A Minha Vida» ou «Três Anos». O privilégio do conto breve «Sonhos» é o de nos fazer perceber a força discreta que anima esta maneira de narrar: o sentimento de uma abertura indecisa do tempo. A época dos escravos e dos senhores foi declarada formalmente encerrada e, com ela, a uniformidade do tempo repetitivo da servidão. A liberdade não está, porém, presente, mas o tempo novo encontra-se sob o signo da sua ideia, e esta já não se deixa esquecer. A tarefa do escritor é pôr-nos no seu horizonte, sem mentir quanto à distância que dela nos separa nem ceder à exigência que ela nos dirige. Está inscrita na fissura da liberdade distante no tempo da servidão.